

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, JULHO/2018 - ANO XXII - Nº 258

EDITORIAL

Aproximam-se as eleições gerais de outubro. Os partidos políticos, a partir de julho, passam a fazer suas convenções para escolha dos candidatos à Presidência da República e à vice-presidência, cujos nomes têm que ser definidos e aprovados nas convenções até o dia 5 de agosto e registrados no Tribunal Superior Eleitoral até o dia 15.

O quadro é indefinido e entre os muitos pré-candidatos nenhum nome empolgou e nem se posicionou como favorito, o que criou dificuldades para os partidos, pois todos querem apostar em alguém com chances de vitória. Além disso, os partidos querem ter claro o papel que exercerão no futuro governo. O desinteresse da população quanto às eleições é grande. Todos querem renovação no panorama político brasileiro. Sabem, porém, que pouco mudará.

A revolta com os sucessivos escândalos de corrupção cerca de incertezas as eleições presidenciais brasileiras. Espera-se mudança no Congresso, uma das instituições mais desacreditadas do país. Segundo pesquisas, a corrupção lidera a lista dos graves problemas apontados pelos brasileiros. A questão da corrupção ganhou corpo desde que a Operação Lava Jato revelou, a partir de 2014, enorme esquema de propinas enraizado no Estado envolvendo a Petrobras e quase todos os partidos políticos.

Tema obrigatório para o próximo Congresso é o da reforma política. É preciso o fortalecimento da cláusula de barreira para impedir a ação de partidos que atuam como balcão de negócios e não representam a vontade da população. Reformas fiscal e tributária que incluam propostas de descentralização dos recursos da União também são desejadas. Esperam-se, ainda, mudanças nas normas eleitorais que atualmente permitem a eleição de membros do Legislativo pela ação de puxadores de votos – candidatos que recebem alto número de votos e assim permitem a eleição de outros membros de sua legenda.

Sete em cada dez brasileiros desconfiam dos partidos políticos e a mesma porcentagem do Congresso Nacional. De acordo com o site Congresso em Foco, um terço dos 513 deputados e mais da metade dos 81 senadores estão sob “investigação criminal ou ações penais”.

Os procuradores da Lava Jato pediram que a população vote em políticos com “ficha limpa”, em sintonia com o sentimento popular sobre a urgência de mudar um sistema endemicamente baseado na compra de apoio e troca de favores para poder governar.



Fotos Arquivo Pró-Memória

Muito se tem escrito, estudado e discutido sobre a melhor maneira de se preservar a Mantiqueira. Em 1985, por sua relevância, foi transformada em Área de Proteção Ambiental (APA) federal, mas só agora em 2018 seu plano de manejo foi aprovado.

A Mantiqueira pede socorro

Na Mantiqueira, o que resta das diversas paisagens serranas está restrito a pequenos fragmentos de floresta e de campos de altitude situados nos seus pontos mais elevados. Ao longo dos anos, a incúria destruiu áreas de grande relevância ambiental, muitas delas estabilizadoras de encostas, fundamentais para proteção das nascentes de água e detentoras de espécies de plantas e animais de valor inestimável para a Ciência e a economia.

Na região da Mantiqueira estão raros remanescentes de floretas de araucária, campos de altitude e vegetação rupestre criticamente ameaçados e em acelerado processo de destruição. Lá estão, ainda, espécies raras de mamíferos, aves e répteis também sob constante ameaça. Muitas espécies da flora e de fauna dos campos de altitude são endêmicas e só existem nesse local. Grande parte desses campos de altitude está sendo destruído e transformado em pastagem com capim estrangeiro agressivo. Isso sem falar nos incêndios que, todo inverno, deixam calcinadas extensas áreas.

Muito se tem escrito, estudado e discutido sobre a melhor maneira de se preservar a Mantiqueira. Em 1985, por sua relevância, foi transformada em Área de Proteção Ambiental (APA) federal, mas só agora em 2018 seu plano de manejo foi aprovado. Não sabemos, ainda, como será implementado.

A Mantiqueira é considerada uma das mais belas cadeias montanhosas do mundo em função de seus picos, vales profundos,

cachoeiras e nascentes de águas gélidas e límpidas abastecedoras de importantes rios. Outro diferencial é o clima temperado, que propicia agradável sensação no verão, mas também invernos rigorosos, distinguindo-a do restante do país. Apesar de sua importância não se evidencia política efetiva alguma voltada para sua proteção. Apenas cartas de intenção...

Cabe ao Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, vinculado ao Ministério do Meio Ambiente, propor, implementar, gerir, proteger, fiscalizar, monitorar, fomentar e executar programas de proteção, preservação e conservação da biodiversidade e exercer o poder de polícia ambiental para a proteção das Unidades de Conservação Federais. Ele é, portanto, responsável pela APA da Mantiqueira. No entanto, este órgão fica distante da nossa Mantiqueira. Se perguntarmos em Piquete quem já ouviu falar desse instituto, poucos responderão afirmativamente. Acreditamos que a preservação da área só se efetivará com parcerias entre governos e sociedade e com recursos e ações determinadas. Assim, se o plano de manejo vier a ser implementado o mais rápido possível, talvez consigamos salvar o que resta desse imenso patrimônio da humanidade. A “montanha que chora” tem suas lágrimas vertendo cada vez em menor volume. É só observar os rios que cortam o município de Piquete. Choramos nós, pela Mantiqueira, ao assistir ao descaso para com esta maravilha da natureza.

Imagem - Memória



Fotos Arquivo Pro-Memória

O piedoso Padre Juca

A Paróquia de São Miguel, que neste ano completa 130 anos, teve a felicidade de contar, entre seus administradores, com um religioso que marcou a vida dos paroquianos. Após mais de seis décadas, esse padre ainda é lembrado por suas virtudes. Religioso generoso, que se esquecia de si, era devotado ao serviço de Deus, ao bem do próximo e das almas. Homem bom. Homem justo. Homem santo. Sacerdote estimado por todos: eis o perfil do Padre Juca.

Padre Juca chegou a Piquete no dia 1º de janeiro de 1946, para tomar posse como vigário ecônomo e foi recebido com festas. Saudou as autoridades e o povo em geral prometendo fazer todo o bem que pudesse à paróquia e desejando feliz ano novo a todos. Começou a trabalhar de imediato. Na tarde daquele mesmo dia, fez a renovação das promessas do batismo a um grande número de crianças e deu-lhes a bênção do Santíssimo. Pediu aos paroquianos que cooperassem com o vigário para o incremento do catecismo, das associações religiosas e pela assistência espiritual aos enfermos, a fim de que doente algum morresse sem os sacramentos.

José Francisco von Atzingen nasceu em Pirassununga, SP, em 19 de agosto de 1895. Professor, dedicou-se ao magistério como um sacerdócio, tornando-se criança em meio às crianças, tal sua feição simples e, por vezes, infantil. Era, no entanto, professor didata por excelência e sabia ensinar e se rejubilava com o rendimento pedagógico de suas aulas. Católico voltado para a intimidade da fé que acende a lâmpada das

vocações, um dia deixou seu querido grupo escolar, seus alunos, sua casa e o meio em que vivia e tornou-se padre. Foi ordenado aos trinta e sete anos, após vida matrimonial com Carmem de Almeida Barros, de quem ficara viúvo. Servidor fiel de Jesus Cristo, cumpridor de seus deveres, aureolado pela virtude da renúncia e pela bondade espontânea que defluía de seus atos, de seu semblante e de suas palavras. Não deixava de ser, no entanto, pessoa de grande expressão social. Visitava famílias, comparecia às festas e com sua personalidade marcante e expansiva granjeava simpatia e autoridade. Se foi professor em várias cidades do estado, exerceu também seu múnus sacerdotal em numerosas paróquias nas dioceses de Taubaté e de Lorena. Em Piquete, fortaleceu o culto a Nossa Senhora, de quem era devoto. São famosas as festas dos meses de maio e as coroações de Nossa Senhora por ele organizadas. Reorganizou a Irmandade de São Benedito. Realizava, anualmente, a Páscoa dos Operários. Participou, em 10 de setembro de 1946, juntamente com dois congregados marianos de Piquete, do lançamento da pedra fundamental da Basílica de Aparecida. Todos os anos organizava uma romaria a Aparecida, que se tornou famosa, quando milhares de paroquianos embarcavam festivamente, na madrugada, na Estação Ferroviária Rodrigues Alves. Apesar da saúde frágil, não deixava de visitar todas as capelas rurais e de nelas celebrar. Um dia, no início de 1952, se afastou para tratamento de saúde, tendo sido substituído pelo Pe. Miguel Laquis. Não mais retornou

à paróquia de São Miguel, pois resolvera findar seus dias em Cachoeira Paulista, onde fora nomeado capelão da Santa Casa São José e havia sido vigário anteriormente. Levava uma vida tranquila, com muita leitura, aconselhando e abrindo sua pobre bolsa para a caridade. Tal seu espírito de renúncia pelos bens terrenos, que o pouco que possuía, adquirido pela caridade e insistência de amigos, deixou para a Diocese, pois seu ideal era possuir apenas suas vestes tálares, com as quais desejava morrer. Consumia seus dias assistindo espiritualmente enfermos e velhos pobres internados naquela instituição. O bondoso sacerdote, para poder se dedicar à assistência aos doentes, tinha sua morada no próprio prédio da Santa Casa, um pequeno apartamento de dois cômodos, lugar de particular predileção, tanto assim que, no pátio, bem à vista, mandara escrever: "Meu Céuzinho".

Um dia, 20 de dezembro de 1957, em seu quarto, no silêncio da noite, o punhal de um ladrão embebeu-se no sangue desse mártir, travessando-lhe o corpo dezoito vezes. A notícia chegou a Piquete e causou consternação. Seu sepultamento, as homenagens póstumas prestadas à sua memória atestam as virtudes e o valor desse varão invulgar que foi professor, sacerdote e mártir. Em Piquete, em sua homenagem, foi criada a Romaria Ciclistica Padre Juca, e também foi dado seu nome, em 1º de maio de 1959, a uma rua próxima ao centro do operariado católico (COC) por ele idealizado, local também conhecido como Salão Pe. Juca.

GENTE DA CIDADE

Mirthes Chaves

Para Mirthes Chaves, ser professora é motivo de orgulho. Essa profissão lhe proporcionou muitas alegrias. “É muito bom encontrar ex-alunos formados e chefes de família”, afirma, emocionada.

Mirthes exerceu o ofício de educadora por cerca de 40 anos. Sempre gostou de alfabetizar e ressaltar a satisfação em acompanhar crianças no aprendizado das primeiras letras. Diz fazer parte de uma geração privilegiada em Piquete, a qual teve acesso aos cursos oferecidos pelo Departamento Educacional da FPV.

Após a conclusão do Grupo Escolar Antônio João, onde foi alfabetizada pela professora Leonor Guimarães, frequentou o Ginásio da FPV e, em seguida, a Escola Normal Livre Duque de Caxias, onde se formou em 1957. Destaca a excelência do Departamento Educacional e dos professores Lutgardes de Oliveira, diretor do Ginásio, Augusto Ribeiro e César Dória, da Escola Industrial, e Leopoldo M. de Moura Netto, diretor do Curso de Aplicação e da Escola Normal – todos primavam pela organização e disciplina. “A educação em Piquete era referência na região”, afirma.

Mineira de Brazópolis, Mirthes Mara de Oliveira Chaves nasceu a 5 de julho de 1936. A família mudou-se para Piquete em 1939. O pai, Benedito Monteiro Chaves, mestre de obras e músico, veio trabalhar na Fábrica. A mãe, Eva de Oliveira Chaves, costureira, pessoa de fibra, criou os filhos sob a égide Deus, Pátria e Família. Mirthes recorda-se, saudosa, da infância passada num casarão no largo da Matriz, junto ao coreto, palco de inúmeras estripulias. Cita a professora Leonor Guimarães, vizinha da família e comadre de sua mãe, e o padre Septímio Arantes: ambos ajudaram na educação dela e dos irmãos. Sua mais antiga lembrança dessa época é de quando ela e o irmão Mário saíram vestidos de anjo em uma procissão, em 1942. Recordar-se das famílias vizinhas e dos amigos do grupo escolar e do catecismo paroquial e das artes que ela e seus irmãos Mário e Márcia faziam. “A cidade àquela época era muito pequena. Meu universo se restringia à rua de baixo, a Major Carlos Ribeiro, e à de cima, a Coronel José Mariano. Conhecia todas as famílias e o comércio. A Igreja Matriz era onde todos se encontravam”.

Por morar próximo à casa paroquial, conheceu bem os padres João Guimarães e Oswaldo Bindão, presenças constantes nas festas de São Miguel. Também os padres



Septímio, Juca e Eufrásio – este último foi quem lhe ministrou a Primeira Comunhão. Mirthes fala do Cine Glória, do catecismo e dos teatros de dona Nair Porfírio para arrecadar fundos para a Igreja, da Cruzada Eucarística, dos passeios de trem até o portão da Limeira... Infância de agradáveis lembranças. Com 12 anos, a família mudou-se para uma casa próxima à Praça da Bandeira. Iniciava-se outra fase da vida...

Concluído o Magistério, lecionou na escola Darwin Félix, da qual participou da inauguração, em 31 de outubro de 1958. Entre os oradores, o professor Éboli, representando o governador Jânio Quadros, e a diretora, Ondina Barbosa. Mirthes discursou em nome dos professores. Lecionou, também, em escolas rurais.

Em 22 de outubro de 1960, casou-se com Célio José de Lima. Já casada, após concurso foi lecionar em São Francisco Xavier. Retornou a Piquete em 1962 para o Darwin Félix. Mais tarde, foi transferida para o Antônio João. Lecionou ainda, por muitos anos, no projeto Minerva, um programa de rádio do Ministério da Educação e Cultura voltado para adultos, muitos deles operários da FPV: “Uma realização como professora”, afirma. Aposentou-se em 1985 e passou a lecionar na Escola Professor Leopoldo onde ficou até 2002.

Mirthes sempre gostou de cantar. Juntamente com os irmãos participou por muitos anos do Coral Santa Cecília. Emociona-se ao contar que se apresentaram nas missas solenes dos centenários da Paróquia de São Miguel, em 1988, e de Piquete, em 1991.

Aos 82 anos, Mirthes vive para a família. São 6 filhos, 13 netos e 11 bisnetos. Essa mineira piquetense orgulha-se da terra que a acolheu e pela qual nutre grande paixão.

Ética se aprende na prática

Laura Chaves

Não sabemos ao certo como vai terminar a atual crise em que vive o país. Quando imaginamos que tudo já foi dito, novas revelações são feitas. É uma novela contada em capítulos de suspense e ação.

Frente à crise, temos uma única certeza: a crise do país não é econômica, financeira ou política – trata-se de uma crise ÉTICA.

É óbvio que todos os nobres personagens envolvidos e causadores da crise não têm problemas de ordem econômica. Ao contrário, a situação sócio-econômica desses ilustres senhores, se comparada com a da maioria da população brasileira, é de uma diferença gritante.

Pensamos então: o que leva uma pessoa que tem ótimo salário, boa e confortável casa (quem sabe, casas) para morar, mordomias, status social, entre outros mimos, a participar de manobras ilícitas e de todo tipo de ação em que possa levar vantagens pessoais e indevidas?

A resposta é uma só: princípios éticos.

É hora, então, de acordarmos. Cada um desses indivíduos foi criado no seio de uma família. Todos passaram pelos bancos escolares. Isso, porém, não foi o bastante para fazê-los cidadãos éticos.

Se tudo vai acabar em pizza, não sabemos. Sabemos, porém, que a família e a escola podem agir preventivamente.

É bom lembrar que ensinar um cidadão a ser ético não é tarefa fácil, pois a ética não é teórica, é prática, exige ação. Essa ação deve ser vivenciada diariamente, rotineiramente.

A questão deve ganhar espaço na rotina dos lares e da escola. Algumas experiências positivas vivenciadas em escolas preocupadas com essa questão parecem bons modelos. Por exemplo, criar situações hipotéticas – uma história em que as situações vividas pelos personagens exijam tomada de decisão que envolva os seus princípios éticos. Provocar o debate entre os alunos e explorar ao máximo a reflexão sobre que princípios estão em jogo naquela questão. Quem experimentar vai se surpreender com os resultados. Além disso, uma escola ética não pode admitir cola, professor que não ensina, mentiras... Mas como banir isso? Com ação refletida, planejada e constantemente avaliada. A ética é para ser vivida, não para ser contada.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Professor Luiz de Castro Pinto, 22

Tels.: (12) 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.





Piquetense lança livro em Cunha

Aconteceu no dia 5 de julho, em Cunha, o lançamento do livro “Divino: Fé e Tradição em Cunha”, organizado por Laurentino Gonçalves Dias Júnior, da Fundação Christiano Rosa, e Pe. Fábio Nogueira de Sá, pároco daquela cidade. A presidente da Fundação Christiano Rosa, Evelize Monteiro Chaves, prestigiou o lançamento, que contou com grande número de convidados.

De acordo com os organizadores, o livro foi uma forma encontrada para homenagear a Festa do Divino, tão representativa da generosidade e da espiritualidade do povo cunhense. “Os textos não se pretendem protagonistas, mas legendas para o conjunto de imagens garimpadas entre apaixonados pela fotografia e pelo patrimônio histórico-cultural do município, um dos maiores do estado de São Paulo em extensão”, afirmam. Laurentino completou: “‘Divino: Fé e Tradição em Cunha’ não é um livro histórico, mas um registro iconográfico da Festa, com ênfase naqueles que, ano a ano, fazem enorme esforço para manter viva uma tradição secular repleta de simbolismos, espiritualidade e beleza cênica. Por meio das centenas de imagens, ilustradas com textos e poemas, a maioria inéditos, o livro apresenta a tradição da Festa do Divino de Cunha para turistas e serve como memória perpetuada para os cunhenses”.

Desde o Monte Pascoal

No dia 16 de julho a Folha de São Paulo publicou uma notícia cujo título era “Nunca se escreveu tanto, tão errado e se interpretou tão mal”. Ao se ler a notícia, vê-se que uma pesquisa feita pelo Instituto Paulo Montenegro sobre (an)alfabetismo funcional apontou que apenas 22% dos brasileiros que chegam até a universidade têm plena condição de compreender o que lê e de se expressar corretamente. Com base nisso pode-se inferir que aqueles que estão estudando para chegar à universidade ou aqueles que por ela nunca passarão estão ainda em piores condições. Eu já percebia isso quando lecionava na faculdade e que o quadro se agravava a cada ano. Tão profundo é o problema que os alunos não entendiam os enunciados das questões. Após “inventar” uma solução qualquer, aceitavam qualquer resposta que eles mesmos escreviam. Essa doença educacional se alastra como as pragas nos castelos da Idade Média. Lá, era por falta de higiene. Aqui, por falta de educação e instrução decente.

Estarmos na 59ª posição entre os 70 países avaliados pelo Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Alunos) se explica facilmente. Ensinos fundamentais e médios, especialmente os públicos – obrigação dos estados e prefeituras – são sofríveis contra um ensino público superior de altíssima qualidade. O Brasil se tornou um país que sempre beneficia a “casa grande” e dá as migalhas para a “senzala”. Foi assim. É assim. Vejamos: O rico – esqueça, amigo! Você não é rico! – coloca seus filhos

no ensino particular de altíssima qualidade, pois tem fundos para isso. O valor que se gasta nas escolas de ensino fundamental e médio é baixo se comparado com as de ensino superior. Com a boa educação básica ele ingressa nas melhores universidades públicas de nível superior. Já o pobre caminha por outra estrada. Estuda em escolas públicas e poucos conseguem ingressar nas universidades públicas. Isso o obriga a pagar o ensino superior. Um exemplo clássico: curso de medicina. Um pobre que não pagou pelo ensino fundamental e médio dificilmente alcança um curso superior público de medicina. Com muito esforço ele consegue passar num vestibular de medicina em uma universidade particular. Lá a mensalidade é de, no mínimo, 9 mil reais. Algumas cobram 15 mil reais. Já um rico que pagou mil reais (ou pouco mais) por mês na sua escola particular acaba em uma universidade pública onde não paga nada. Dá para entender que estados e municípios, os quais deveriam dar um ensino básico de qualidade, invertem a equação e favorecem a manutenção da pirâmide social do Brasil, onde apenas 10% da população – esse sim os ricos – detêm mais de 43% da riqueza. Em 2017, 1% da população ganhava 36 vezes mais salário que os 50% que integram a camada mais pobre. Creia: Esses números só pioram.

Poderia escrever o mesmo que ocorre com a educação falando da saúde. Aliás, a maioria da população não sabe que os ricos com plano de saúde particular e

acesso rápido aos melhores médicos e tratamentos usam o SUS para tratamentos especiais, cirurgias eletivas, transplantes e medicamentos de alto valor. Por pagarem o plano são diagnosticados mais rapidamente, enquanto os pobres, sem plano, usam o que podem. Como recebem o diagnóstico de uma doença mais tarde, mesmo tendo o direito ao SUS, acabam chegando ao tratamento tarde demais. Mais uma vez a “casa grande” se sobrepõe à “senzala”. Pode-se repetir o mesmo sobre segurança, habitação e por aí vai. Mas na hora que o cidadão tem o poder de mudar usando seu voto, muitos são facilmente enganados, pois não são capazes de interpretar uma mensagem ou a fala de um candidato. Afinal e infelizmente, ler e entender é para poucos.

Todos precisamos aprender que não é a televisão que vai nos mostrar o melhor candidato ou candidata, não são as revistas ou jornais, nem mesmo a internet. Devemos ouvir o candidato ou a candidata, verificar a verdade sobre seu passado, analisar o que ele já fez, se já foi eleito alguma vez, e, então, analisar os fatos com muito cuidado. É preciso lembrar que o que lemos e ouvimos muitas vezes é fruto de opiniões e interpretações de pessoas que também frequentam as estatísticas da Folha de São Paulo, escrevem errado ou até mesmo têm interesse de proteger uma classe social que já manda nesse país desde que um certo marinheiro na gávea de uma caravela gritou “terra à vista” ao se deparar com o monte Pascoal.

Luiz Flávio Rodrigues



Fotos Arquivo Pró-Memória

Para não nos esquecermos do 9 de Julho

O 9 de Julho transcorreu sem que muitos paulistas nem soubessem por que motivo esse dia é feriado apenas no estado de São Paulo. Outros até sabem que a data diz respeito à Revolução Constitucionalista ocorrida em 1932. Desconhecem, porém, os motivos que levaram São Paulo a se levantar em armas contra o governo federal.

Afinal, o que foi essa Revolução que mobilizou todo o estado paulista?

A Revolução Constitucionalista foi um movimento armado que resultou da revolta generalizada no estado de São Paulo contra o governo de Getúlio Vargas, que assumira o governo em 1930 com um golpe de Estado, derrubando o então presidente, Washington Luís, e impedindo a posse de seu sucessor. Vargas reduziu a autonomia dos estados do país e indicou interventores para governá-los segundo seus interesses.

Com o apoio de grupos econômicos e de políticos locais, o levante – que resultou

no maior conflito militar do país no século 20 – teve início no dia 9 de julho de 1932 e terminou com a rendição do Exército Constitucionalista, em 2 de outubro. Seu estopim foi a morte de quatro jovens paulistas por tropas getulistas durante uma manifestação no centro de São Paulo, no dia 23 de maio. Os confrontos entre constitucionalistas e tropas enviadas por Getúlio – que conseguiu articular uma resposta militar com o apoio de todos os estados, exceto o Mato Grosso – no interior do estado e na capital deixaram 934 mortos, entre eles, 634 constitucionalistas. As batalhas se espalharam por várias frentes no interior paulista e a capital acabou sendo o epicentro das manifestações que desencadearam a Revolução. No dia 9 de julho, o Palácio dos Campos Elíseos se tornou o centro da história. Foi ali que Pedro de Toledo aderiu à causa e foi aclamado governador paulista, praticamente dando início ao conflito. No dia seguinte, tropas

constitucionalistas se dirigiram, pelo Vale do Paraíba em direção ao Rio de Janeiro, ocupando pontos estratégicos na região. Em Piquete, soldados se entrincheiraram na Serra da Mantiqueira e em outros pontos do município, visando a impedir que forças federais ocupassem a fábrica de pólvora. Além de sua posição estratégica, a produção de explosivos era vital para o movimento constitucionalista. A oficialidade da Fábrica não aderiu à Revolução, optando por se manter fiéis ao governo Vargas. Já o operariado aderiu maciçamente, bem como a população, à medida que levadas de soldados chegavam à cidade.

Após três meses de conflito, que, no Vale do Paraíba, se concentrou na região do Túnel, em Cruzeiro, tropas federais numericamente superiores avançavam enquanto as paulistas recuavam. No dia 2 de outubro, em Cruzeiro, foi assinado o armistício, pondo fim a esse episódio da história de São Paulo.

Passaporte para o inferno

Em uma das eleições mais incertas desde a redemocratização, julho foi palco de uma definição que muito provavelmente assegurará a presença de um candidato específico no segundo turno. Parte importante do bloco de sustentação do governo Temer, o chamado “Centrão”, composto pela nata do fisiologismo parasitário – PTB, Solidariedade, DEM, PP e PR –, sinalizou que deve apoiar o candidato tucano Geraldo Alckmin (PSDB) no primeiro turno da eleição presidencial. Se por um lado essa aliança tem como efeito de curto prazo o aumento das chances do candidato apoiado, a se julgar pela dinâmica desse apoio, seu futuro governo será tão sabotado por esses grupos como foram os de Lula, Dilma e Temer.

Com exceção de candidatos menores, que encaram o período eleitoral mais como um espaço privilegiado de debate público do que a arena que pode credenciá-los como governo, e Marina Silva (REDE), todos os candidatos competitivos demonstraram, em maior ou menor grau, intenção de contar com o apoio desse bloco partidário. Mais à esquerda, PT e Ciro Gomes (PDT) buscaram estabelecer pontes com as lideranças do “Centrão”, sendo que Ciro, até muito recentemente, ainda era visto como o mais cotado a receber o apoio desse bloco. À direita,

Jair Bolsonaro (PSL), Henrique Meirelles (MDB) e Geraldo Alckmin negociaram até seus limites com o bloco, tendo sido o tucano, na última semana, o “premiado”. A amplidão ideológica das candidaturas consideradas pelo bloco certamente suscita no eleitor mais atento o questionamento acerca dos critérios em que se daria o apoio desses grupos. A resposta, já um tanto batida no debate público, se resume ao velho fisiologismo, bastião da política brasileira.

Apesar de todos os novos fatos que se fizeram presentes no último período e que justificam a incerteza dessas eleições, os políticos sabem que a dinâmica do voto no Brasil não deve sofrer grandes alterações. Por isso mesmo, o tripé “dinheiro de campanha – palanque nos estados – tempo de TV” segue sendo um dos mais relevantes trunfos que pode garantir a um candidato à vitória eleitoral. No entanto, como não há filantropia na política, o apoio tem seu custo, e ele é caro. Ao antever que o apoio a Alckmin o credencia como forte candidato ao Planalto, esses partidos asseguram desde já que ocuparão os melhores lugares no loteamento do Estado que todo presidente, em alguma medida, deve fazer para garantir a governabilidade.

Se considerarmos que os mais notórios

escândalos de corrupção do século se fundaram justamente na lógica dos apoios em troca de quinhões do Estado, o cenário é desolador: O próximo governo guardará as mesmas condições ideais nas quais floresceram os desvios do último período. Mais grave é que, se do ponto de vista teórico já é tarefa difícil imaginar uma reforma que aniquile o fisiologismo sem sacrificar a liberdade das organizações políticas em uma democracia, na prática qualquer reforma virtuosa pode ser descartada, dado que, tendo de partir dos próprios beneficiários dessa política, é inviável. Na arena em que se excluem partidos e políticos, sobram os eleitores. Ainda que haja uma dose cavalaresca de utopia em imaginar que os cidadãos possam votar diferente nessas eleições, em tese a possibilidade de alguma mudança se concentra em suas mãos: Votar em candidatos que apresentem alguma coerência ideológica – à esquerda, à direita ou ao centro – é uma das únicas possibilidades de que em 2019 o presidente eleito seja menos refém dos interesses de políticos que, sem nenhum conteúdo programático, se movem exclusivamente pela vocação parasitária do Estado. Tão grave quanto à corrupção são as condições que a geram.

Rafael Domingues de Lima

Crônicas Pitorescas

Ministério do amor

Palmyro Masiero

Pai pela primeira vez, marinho de primeira viagem, para usar o lugar comum. Ao raiar do dia um chorinho cumprimentava o mundo enquanto o pai deleitava a vista e o tato com a menina rechonchudinha recém-inaugurada na vida. Como um animal saltígrado saiu da maternidade numa alegria infantil rescendendo de amor e ternura e pôs-se a anunciar à humanidade o faustoso acontecimento. Tomaram conhecimento do fato a família, os parentes e... todos aqueles que eram encontrados desfilando pelas ruas. Um desses, desconhecido como a maioria, aproximava-se e, entre a euforia e o entusiasmo, o novo, pai desabrocha:

– Bom dia, amigo! Tenho uma menina lá em casa!

O outro, aparentemente acordando, surpreso, após fitar o rei da alegria, indiferente e frio, exclama desiludido:

– Grande vantagem! Eu tenho seis!

Sentiram bem? Pois é! O que fazer com um água-na-fervura desse tipo? Desmancha-prazeres, resfriador de entusiasmo, ventilador de alegrias, secante de otimismo, poluidor de amor...

Diante de tão grave problema, pois elementos desses infestam e proliferam por aí, em toda parte, me propus a questioná-lo. Os resultados encontrados aqui vão para todos os governantes do mundo, que poderão usá-los, transformá-los, adaptá-los de acordo com a política que adotarem. Sugiro ao administrador máximo de cada país baixar uma lei, decreto ou o que seja neste estilo, para que todos aqueles que não contribuírem com uma dosezinha de amor ao próximo, não cultivarem delicadeza e fraternidade, não comprovarem momentos de bom humor, pagassem imposto ao Estado, após o resultado obtido de uma declaração. Esta, um adendo ao usado para declaração de renda, constaria de um questionário a ser respondido logo ao término da outra. Para o que se quer, parece ser óbvio que se

proponham as respostas às perguntas depois da explicitação dos rendimentos. Algumas sugestões: “Durante o ano passou algum dia sem cumprimentar alguém?”, “Deixou de sorrir e agradecer quando foi servido por um subordinado?”, “Carregou diariamente um sorriso nos lábios?”, “Qual a média de piadas contadas por mês?” etc.

É evidente uma folha de perguntas destinadas somente à raça motorizada: “usou a buzina de seu carro só quando estritamente necessário?”, “Nos engarrafamentos de trânsito, aproveitou para se extasiar com a música?”, “Respeitou a sinalização em todos os momentos?” etc.

E a coisa ia por aí a fora com perguntas bem objetivas e boladas por aqueles que entendem do assunto. Gente que ama, gente alegre, gente delicada, gente otimista...

Antes, uma grande equipe, ao estilo das convocadas pelo IBGE para o censo, faria o levantamento completo de todos os elementos maiores de dezoito anos, em cujas pesquisas, por métodos tecnológicos, seriam aquilatados e registrados através de códigos, o grau de humor, fraternidade, capacidade de amar, sensibilidade etc. Tais dados seriam transmitidos ao cérebro eletrônico e corresponderiam ao número do CPF do declarante. Por aí se aquilataria a veracidade das respostas. O Ministério (do Amor?) para isso criado, deveria fazer, por sorteio, exames antidoping, ou seja, exames antimentira, e confrontá-los: respostas dadas e estado real da pessoa. Mentiu? Multa em cima!

Com todas as declarações, de posse de todos os dados, o computador só iria faturando em positivo e negativo. Ficou em débito com o amor, o Ministério lascaria o imposto. Muito, mas muito maior que o de renda!

Evidentemente seria um Ministério de poucas gerações... Logo, logo suas funções já não mais se fariam necessárias, pois viveríamos todos num mundo de amor em um amor de mundo!

Temos escolha?

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Apesar das atrocidades deste mundo tacanho, algumas pessoas nos mostram que há esperança de uma sociedade melhor, mais comprometida com o bem-estar comum.

Poucas vezes uma situação arregimentou tamanha compaixão em nível mundial como na dos garotos e do técnico presos em uma caverna na Tailândia. Se enquanto era desconhecido o paradeiro do grupo a ansiedade era imensa, quando, quase ao acaso, foram encontrados, o desespero e a apreensão pela dificuldade de resgate uniram povos em torno de um só objetivo: retirá-los da caverna de forma segura.

País pobre, atolado em um conflito político e um regime militar linha-dura por mais de uma década, a Tailândia contou com reforços próprios e muita ajuda internacional para realizar um resgate em condições ímpares de dificuldade. A união em torno de uma meta comum foi, sem dúvida, a motivação maior para os envolvidos. Para mim, espectador apenas, a sensação era de compaixão pelo grupo preso em local tão inóspito, pelas suas famílias desesperançadas pelas avaliações dos especialistas, e seus conhecidos. Emocionavam-me as notícias. Tendo compartilhado essa minha emoção com amigos, acredito ter sido esse o sentimento de muitos. A união foi única e unânime: não importava o idioma, o culto ou a orientação política.

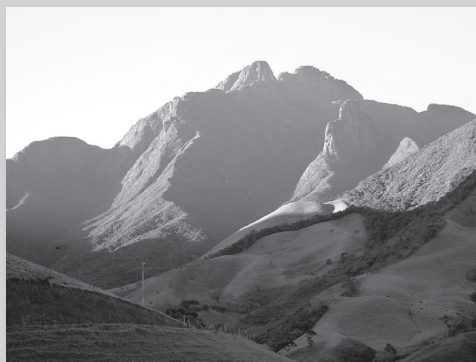
Lógico que a exploração midiática teve sua parte, que, agora, planeja um filme sobre o episódio. A tônica, porém, foi o bem-estar do grupo e os interesses particulares foram superados. O governo da Tailândia, por razões diversas, conseguiu impor certos limites. Bom para os jovens e para o técnico.

Acidentes como esse da Tailândia evidenciam que temos a capacidade de amar, de nos entregar à emoção ainda que por desconhecidos distantes milhares de quilômetros. Sim, somos capazes de nos emocionar, passíveis de sentimentos ainda que vivendo em um mundo cada vez mais sectário e individualista. Há, ainda, bons cidadãos como os altruístas mergulhadores, que realizaram tão difícil resgate dos treze componentes do grupo. Não é, certamente, fácil atuar em situações extremas como essa, que requerem tranquilidade e, principalmente, que se transmita ao grupo segurança e esperança. Temos, sim, portanto, escolha, meus caros! Podemos acreditar que é possível um mundo melhor, em que o mandamento “amar ao próximo como a si mesmo” será real e praticado.

Inverno - Dynamos - Forja

*O manto do inverno
cobriu os cristais do Marins
em oficinas de granitos rudes
facetados pelos martelos
das águas congeladas
no alongado das madrugada.*

*Rendilham-se nas pedras
os fáceis das clivagens ásperas.*



Dóli de Castro Ferreira

Dia Nacional do Trovador

Poucos sabem que 18 de julho é o dia consagrado aos trovadores.

Trovador é uma palavra derivada do provençal “trobadour” (poeta), proveniente do verbo “trobar” (compor por versos).

Segundo Jorge Amado, não pode haver criação literária mais popular e que mais fale diretamente ao coração do povo do que a trova. É através dela que o povo toma contato com a poesia. Por isso mesmo, a trova e o trovador são imortais.

Todo trovador é poeta, mas nem todo poeta é trovador, pois nem todos sabem metrificar, visto que a trova é um poema de quatro versos setissílabos, com rima e sentido completo. Quando surgiu, estava intimamente ligada à poesia da Idade Média, época em que a trova era sinônimo de poema e letra de música.

A cultura trovadoresca refletia bem o panorama histórico desse período: as Cruzadas, a luta contra os mouros, o feudalismo, o poder espiritual do clero. Na Literatura, desenvolveu-se em Portugal um movimento poético chamado “trovadorismo”. Os poemas produzidos nessa época eram feitos para ser cantados por poetas e músicos, e foram os primeiros a ser publicados. Hoje, entre-

tanto, a trova possui conceituação própria, diferenciando-se da quadra e da poesia de cordel, bem como do poema musicado da Idade Média.

No Brasil, a partir de 1950, surgiu um movimento cultural em torno da trova: o trovismo. A palavra foi criada pelo poeta e político José Guilherme de Araújo Jorge e por Gilson de Castro, poeta cujo pseudônimo era Luiz Otávio, responsáveis por estudar e divulgar a quadra popular brasileira. Em 1960, após um congresso de trovadores em Salvador, foi fundada a União Brasileira de Trovadores.

Considerado o Príncipe dos Trovadores Brasileiros pelo seu trabalho em prol da trova, o carioca Luiz Otávio, nascido em 18 de julho de 1916, teve a data de seu nascimento escolhida como o Dia Nacional do Trovador.

Nas últimas décadas vem despertando o neotrovismo, que é a renovação do movimento em torno da trova no Brasil. Em Piquete não podemos nos esquecer de nomes como Mariinha Motta, Cida Reis, Myrthes Mazza, Élbria Priscila de Souza, Domingos Sávio Vidal, Geraldo Gonçalves, que se dedicaram e se dedicam à arte de trovar.

*“Amizade é sol que aquece
Aonde quer que se vá;
Nem sempre o sol aparece,
Mas se sabe que está lá...”*

Myrthes Mazza

*“Minha paixão malograda,
Sufocada entre segredos,
É como nau destroçada
Batendo contra os rochedos.”*

Myrthes Mazza

*“Nesta vida – a mocidade –
Tal qual roseiras viçosas,
Dá botões na flor da idade
Antes de encher-se de rosas...”*

Myrthes Mazza

*“Grinaldas já esmaecidas,
entre fitas e filós,
são memórias esquecidas
nas gavetas das vovós...”*

Élbria Priscila de Souza e Silva



Ser capaz de se deprimir é um aprimoramento cultural

Sempre ouço dizerem que a depressão é o maior mal de nosso tempo. De fato, nos deparamos diariamente com essa realidade que possui causas diversas: fisiológicas, psicológicas, existenciais. Deprimir-se, porém, faz parte do viver; a vida, não raramente, é deprimente. A cultura ocidental, da civilização, da ordem, do dito, do êxito, da racionalidade, do sistema que tudo explica e engloba, da solução, da ciência não conseguiu integrar a desgraça, a incerteza, o fracasso, a fragilidade, a desordem, a contradição, o inexplicável, o mistério como componentes do existir. Desde muito cedo aprendemos a lidar com as coisas da vida, construir, organizar, progredir, conquistar. Não aprendemos a lidar com as coisas da morte, com o perder, o fracassar, o desconhecer, o não produzir.

A incapacidade de integração do caos, do mistério, do inefável, do irracional em nossa cultura da civilização faz com que os sentimentos vindos desses componentes intrínsecos do existir não encontrem lugar na alma humana e sejam considerados sintomas de um mal, de uma enfermidade que precisa ser combatida com medicamentos. Não digo aqui que não existam enfermidades que realmente possuam causas fisiológicas, mas grande parte desse mal que aflige a tantos tem origem em nossa cultura.

Por que simplesmente o ente e não antes o nada? Assim questionava todo o edifício cultural do Ocidente, em seu famoso texto “O que é a Metafísica?” no final da década de vinte do século passado, o brilhante filósofo alemão Martin Heidegger. Em outras palavras, ele questionava: Por que construímos nossa cultura sobre as certezas e não sobre as incertezas; sobre a ordem e não sobre o caos? Sobre o dito e não sobre o inefável? Sobre o que se pode ver e não sobre o mistério? Sobre o sucesso e não sobre o fracasso? Sobre a vida e não sobre a morte? A pergunta do filósofo nos constrange e impele a integrar o nada como elemento cultural, como parte do existir.

Esse é um desafio que se coloca a toda nossa cultura e também ao nosso cristianismo. Os cristãos de nosso tempo, ao menos a maioria, tornaram-se distantes da Cruz. A Cruz é a expressão religiosa do nada, da falta de sentido, do fracasso, do inaudito, do silêncio, da dor, do desapego, da miséria, da maldade, da desgraça, do opróbrio, da derrota, do insucesso, da finitude, da morte. Ela é redentora, nunca nos deixa viver enganados, nos revela a dura realidade do existir humano, um caminhar ao calvário.

A contemplação da cruz faz com que as desgraças da vida encontrem lugar em nós,

torna-nos capazes de nos deprimir sem adoecer, sem desintegrar.

A sociedade do consumo, do entretenimento, do show business, da religião da prosperidade e do sucesso precisa reintegrar o nada e o fracasso. Gosto muito de dizer às pessoas que vão à Igreja receber cinzas após a popular festa do Carnaval: “Lembrete de que és pó e ao pó hás de tornar”. Estas palavras nos colocam em contato com nossa miserável condição: do nada ao nada. Isso nos desilude, nos coloca os pés no chão da realidade, nos abre a possibilidade de uma existência mais autêntica. Vivemos desiludidos, integrarmos a angústia que a experiência da vulnerabilidade e da finitude nos traz, antes de ser uma patologia é um aprimoramento do espírito humano e da espiritualidade cristã. Vivemos desiludidos e sem esperanças naquilo que conhecemos por tomarmos consciência de termos vindo do pó e a ele nos destinarmos é uma condição para que lancemos decididamente nosso olhar ao mistério para que esperemos naquilo que não vemos, não sabemos, não provamos. À essa expectativa improvável atribuímos o vocábulo fé; ao mistério do qual nos vem a esperança, atribuímos o vocábulo Deus, ao menos nós, cristãos e cristãs.

Pe. Fabrício Beckmann

Língua para que te quero

Houve um estudante baiano chamado Antônio de Castro Alves.

Enciumadas, as Musas o chamaram muito cedo para as altas esferas.

Não foi inútil sua passagem por este mundo.

Usou a nobre língua portuguesa para exarar o mais belo e consistente protesto contra a injustiça social de que se tem notícia: o poema Vozes d’África.

Houve um descendente do bravo povo lusitano chamado Luiz Vaz de Camões.

Devotou-se a esquadriñar as conquistas do valoroso povo português que não se intimidou diante do Mar Tenebroso e abriu estradas em todos os Oceanos.

8816 versos decassílabos compõem o poema “Os Lusíadas”, que canta as glórias do Dono do Mar.

O Divino deixou o Paraíso e se tornou Humano. Foi o Portador da Boa Notícia.

Amorosa e perdoadora, ela não agradou aos que se diziam Povo Escolhido do Deus Único.

Injuriado e morto, ressuscitou e voltou ao lugar de origem.

Mestre, preparou com esmero os discípulos.

Mas não podia entrega-los à sanha dos adversários.

Houve um Pentecostes.

Que seria necessário acrescentar ao conhecimento da Boa Notícia?

Memória para não confundir – seriam muitas as teses contrárias.

Coragem – para enfrentar os instruídos adversários.

Língua – para se fazerem entendidos por todas as nações.

Tudo isso lhes foi concedido na Efusão do Espírito.

Nada pode ser modificado. É preciso usar a língua escrita para garantir.

Brotam assim os Evangelhos. A Lei está revelada. Ponto por ponto.

E a vivência? Como estão os convertidos traduzindo a Lei em suas vidas?

Os Atos dos Apóstolos e as Cartas mostram um novo modelo de comunidade, o comportamento cristão – a Igreja.

O cérebro humano foi muito feliz quando criou um modelo econômico para a comunicação.

Haverá sempre muitas maravilhas para fazer chegar às novas gerações – a revolta do adolescente Castro Alves, o orgulho de Camões e a Boa Notícia de Jesus Cristo.

Abigayl Lea da Silva

A Serra da Mantiqueira merece atenção!

A Serra da Mantiqueira, que corta Piquete, constitui um dos mais significativos conjuntos orográficos brasileiros. Incorpora-se ao bioma da Mata Atlântica, que possui uma das maiores biodiversidades do planeta, razão por que foi reconhecida como Patrimônio Nacional pela Constituição Brasileira de 1988 e entrou para o rol das reservas da biosfera, em 1992, por indicação da UNESCO.

O relevo montanhoso do município faz parte de um conjunto paisagístico expressivo, com desníveis altimétricos entre 600m e 2422m, que demonstram ser esta uma das mais abruptas regiões do estado de São Paulo. A despeito do intenso e contínuo processo de devastação pela qual passou a partir do século 18, que transformou áreas naturais em pastos, e da ocupação desordenada de suas encostas, a Mantiqueira, em Piquete, ainda mantém significativos fragmentos de Mata

Atlântica. Os inúmeros corpos d’água que formam a rede de drenagem do município e as microbacias precisam ter suas nascentes e matas ciliares recuperadas e preservadas, para se garantir a saúde desses tributários da margem esquerda do Paraíba do Sul.

Nos últimos vinte anos, a Fundação Christiano Rosa tem-se dedicado a estudar, divulgar e trabalhar para a recuperação dos recursos naturais de Piquete. O aquecimento global, processo irreversível que vem ocorrendo de maneira acelerada nas últimas décadas e que vai mudar o clima em todo o mundo, já apresenta repercussão em nossa região. Preocupa-nos o futuro da Serra da Mantiqueira e de suas inúmeras nascentes.

Os efeitos do aquecimento global na biodiversidade da Terra estão sendo analisados por cientistas de todo o mundo, na tentativa de descobrir seu impacto na fauna e na flora.

Prevê-se que o aquecimento do planeta leve à extinção muitas espécies. Para minimizar esses problemas é preciso que sejam implementadas ações no município, a curto e médio prazo, que contribuam para o esforço global de preservação do meio ambiente e, mais importante, neutralize a emissão de gás carbônico na atmosfera, reduzindo os efeitos da poluição e, consequentemente, do aquecimento global. É preciso incentivar o plantio de árvores e projetos de revitalização com matas nativas do entorno de nascentes e encostas do município. A paisagem piquetense precisa ser preservada a qualquer custo.

Para responder com eficácia ao desafio de frear o aquecimento global, a Educação Ambiental é um importante instrumento, que contribui para a formação de uma nova mentalidades, orientada para a proteção e preservação ambiental. Urge o engajamento de todos nessa cruzada!



Fotos Paulo Neves